

APRESENTAÇÃO

A escritura linguística é, atualmente, objeto de diversos trabalhos, tais como os estudos de gênero, os trabalhos de terminologia, a gênese de noções a partir de um conjunto de textos publicados, entre outros, mas nenhum desses estudos se interessa pelo aspecto processual do discurso teórico em contextualização, visível, por exemplo, em manuscritos de linguistas. As principais direções que dão sustentação a tal problemática podem ser colocadas sob a forma de perguntas. A primeira que colocamos, por exemplo, diz respeito ao modo como o autor linguista posiciona-se para pensar o seu objeto, elaborar uma noção, formular seu discurso. A segunda remete-nos ao modo como ele trabalha tal funcionamento enunciativo. Já a terceira pode ser formulada da seguinte maneira: quais são as atividades sobre as quais está fundado o seu poder de invenção? Essas são questões que este número da **Fragmentum** está propondo como eixo principal, cujo tema centralizador é *Arquivo e manuscritos de linguistas, qual a contribuição para o institucional do nosso campo disciplinar?*

Vamos encontrar neste número, através de diversas explorações e corpus de pesquisa, de notas e rascunhos, entre outros, um aspecto inovador para outra compreensão da linguística que temos hoje. Refletir a respeito de todas as solicitações metodológicas pelas quais os linguistas passam, as hesitações às quais eles estão sob custódia, os cálculos terminológicos e as prescrições, as injunções que resultam em vista da finalização de seus discursos - discursos esses destinados a enriquecer o desenvolvimento e o saber teórico do campo disciplinar da linguística - traz em seu bojo um interesse novo e por demais peculiar e importante para entendermos a enunciação do teórico quando da produção do conhecimento sobre a língua e a linguagem. Veremos, no decorrer da leitura proposta pelos artigos aqui selecionados, que o texto, enquanto produto acabado, publicado e referendado, condena todas as elaborações à invisibilidade, senão à inexistência, quando, na verdade, como vamos ver, tais elaborações constroem e explicitam o processo de sua teorização. Os pesquisadores que se interessam por tal problemática – geneticista – revela-as, analisa-as e, por aí mesmo, inscreve seu trabalho no movimento do conhecimento visado pelos textos que o linguista coloca em valor, antes de ele ser editado.

O primeiro artigo a fazer parte do conjunto de textos apresentados neste número é o de Irène Fenoglio, cujo título é *1966: Os Problemas de Linguística Geral* de Émile Benveniste. Para a autora, a compilação *Problemas*

de *Linguística Geral* de 1996, em quantidade de artigos, representa muito pouco em relação ao conjunto da produção científica de Émile Benveniste, que é imensa, mesmo com a interrupção em 1965. A obra é extremamente importante pelo seu enfoque e pelo seu alcance. A erudição, a aparente eclosão do saber entre o conhecimento aprofundado de diversos grupos de língua e mesmo de diversas línguas é levado em conta em uma perspectiva linguística de grande envergadura e de explicação geral, sendo também engajadas em uma reflexão de ordem epistemológica e antropológica.

O segundo artigo, de Giuseppe D'Ottavi, tem por título *Designar e Significar o "saber" para uma nova entrada do "Vocabulário das Instituições Indo-europeias"* de Emile Benveniste. A leitura proposta pelo pesquisador é fazer da última obra de Benveniste, *Vocabulário das Instituições Indo-europeias* (1969), o lugar na qual a unidade e a unicidade de sua abordagem para os fatos da linguagem encontram-se arrumadas e perfeitamente prontas. Segundo Giuseppe D'Ottavi, tal caminho não é novo, ele já foi argumentado e percorrido pelos intérpretes mais atentos, pelo lado técnico histórico e comparativo dos programas de pesquisa de Benveniste, indicando-nos, inclusive, as vias de uma continuidade importante. É perseguindo esta abordagem que o geneticista procura, em particular, reencontrar estes passos, a partir do estudo das notas manuscritas, testemunhando um gesto terminológico, aquele do "saber", que não aparece no *Vocabulário*, mas que nos traz a sua gênese, o seu meio e o seu método.

Já o terceiro artigo, de Mariarosaria Zinzi, tem por título *A metodologia de análise de Emile Benveniste. Exemplo de um curso sobre a categoria de número*. No texto, a autora mostra-nos um linguista - Émile Benveniste - utilizando um método indutivo para levar a cabo sua investigação e o ponto de partida de seu trabalho, a problemática dos fenômenos linguísticos. Mesmo que devedor da escola estruturalista e dos estudos de gramática comparada, o linguista não para na descrição da estrutura, o que ele quer é explicá-la. Assim, o artigo de Mariarosaria Zinzi vai procurar as formas e a metodologia de pesquisa do linguista em notas de um curso de Gramática Comparada ministrada no Collège de France, em 1939.

O quarto artigo é de um grupo de geneticistas - Jean-Claude Coquet, Irène Fenoglio e Pierre-Yves Testenoire - e intitula-se *O linguístico e o literário: o que nos ensinam os manuscritos de linguistas?*. O artigo segue uma composição de três abordagens para tentar mostrar os laços entre a linguística e a literatura através da produção de linguistas. Línguas e letras, literatura e linguística, dois domínios que sempre formaram um par, mais ou menos fusional, mais ou menos distendido, até oposto nas metodologias

de abordagem de objeto. Do ponto de vista genético, como isto acontece? Abrindo os arquivos de linguistas, dando conta de seus manuscritos, poderia haver um interesse para o literário? Se a constituição de elaboração de um texto é, pois, um material inicial e processual da literatura, examinada no domínio linguístico, no que essa contribuição poderia contribuir para tal relação?

Por fim, o último artigo, de Maria Iraci Sousa Costa, tem por título *Saussure após um século: a problemática do objeto da linguística*. A autora tem por objetivo desenvolver uma reflexão sobre a natureza do objeto da Linguística, considerando a complexidade do corpus saussuriano. Maria Iraci Sousa Costa vai tomar como ponto de partida a problemática sobre a natureza do objeto da linguística, tal como é concebida no *Curso de Linguística Geral (CLG)*, obra que alçou a linguística no domínio da ciência, e também o modo como essa problemática é abordada no manuscrito saussuriano “*Nature de l’objet en linguistique*”, bem como nas diferentes edições publicadas dos manuscritos de Ferdinand de Saussure encontrados em 1996, a saber, a edição francesa *Écrits de linguistique générale* (2002) e a edição suíça *Science du Langage – De la double essence du langage* (2011).

O conjunto de artigos apresentados neste número da **Fragmentum** vai oportunizar a todos os leitores assíduos de nossa coleção novas perspectivas de trabalho e de leitura. Da mesma forma, elementos novos de interpretação para repensarmos o lugar do manuscrito nas condições de produção de nossas pesquisas sobre os linguistas e sua contextualização nos estudos da linguagem. Tal conjunto vai, também, ajudar-nos a refletir sobre a primazia do texto editado e publicado frente à elaboração, em curso, de um conceito ou de um argumento teórico dos linguistas estudados. Vai, por sua vez, desestruturar-nos, para reestruturar e redimensionar nossas leituras, como na metáfora de Sísifo, a personagem do mito grego: condenados que somos, vamos nos questionar continuamente sobre questões de língua, empurrando nossa pedra até o topo de uma montanha, sendo que, toda vez que a pedra estiver quase alcançando o topo, ela rolará novamente montanha abaixo, mas nunca voltará ao mesmo ponto de partida. Trata-se do duro esforço em despender sobre o que nunca será acabado de um todo, pois produzir conhecimento é refletir sobre ideias, objetos, teorizações, sempre, mas nunca em um fim absoluto em si mesmo.

Boa leitura!

Amanda Eloina Scherer
(UFMS)